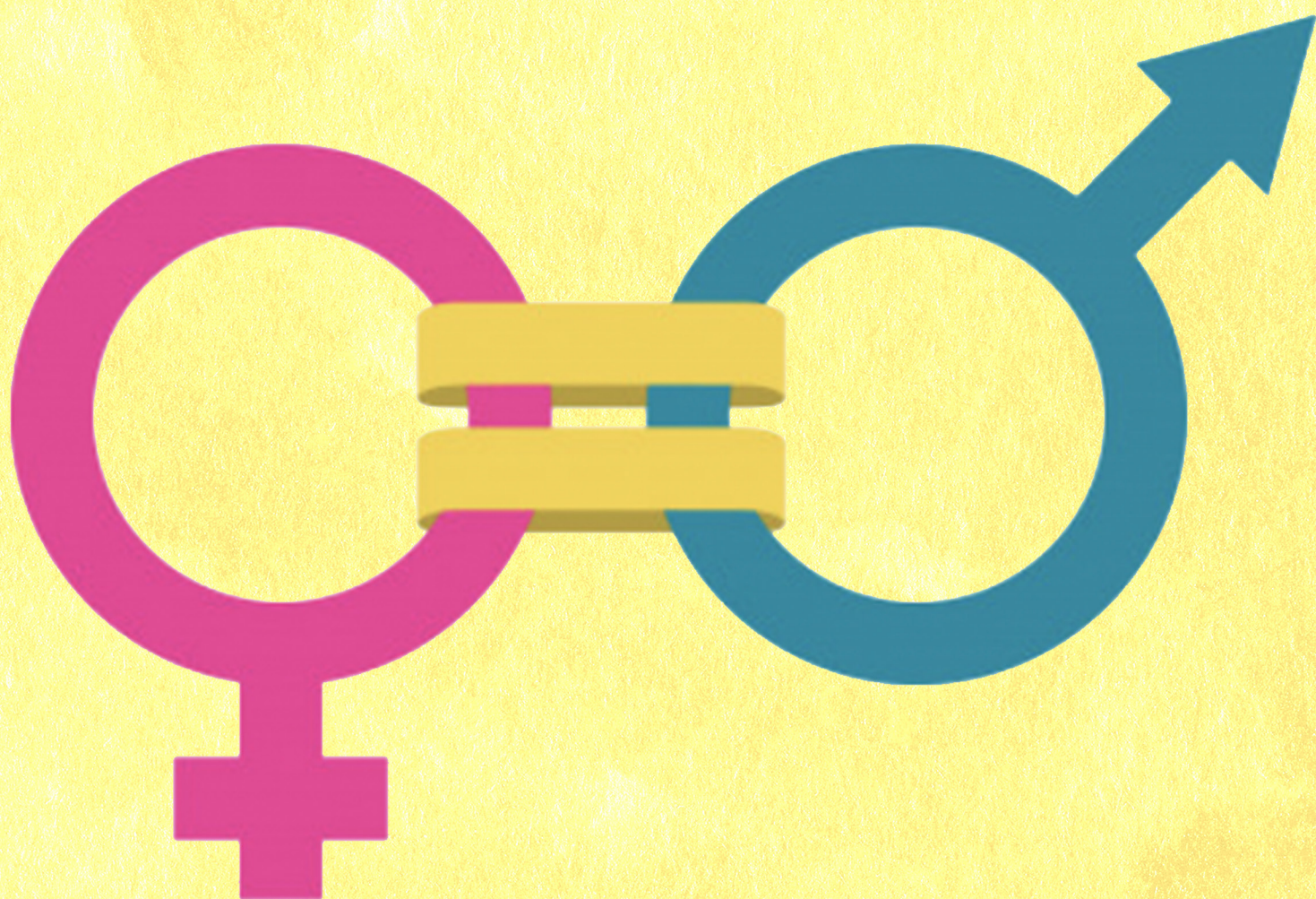


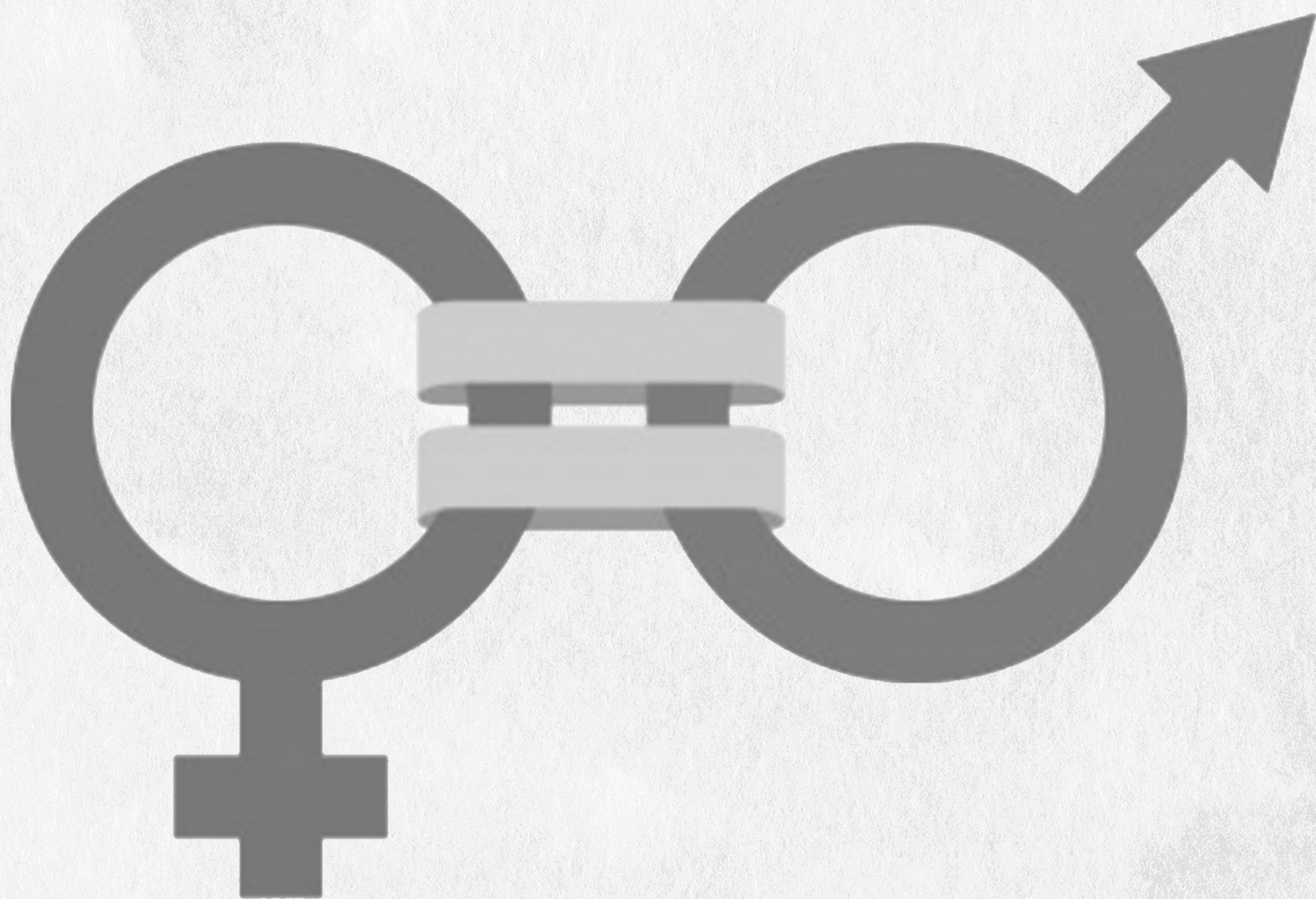
RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M775r	<p>Monteiro, Solange Aparecida de Souza. Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-058-2 DOI 10.22533/at.ed.582202205</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza..</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A temática pertinente **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS** é complexa que tem motivadora de debates na sociedade acerca de como abordar a problemática do gênero e sexualidade na educação. Uma educação democrática, pensa a escola como um ambiente rico em diversidade, visto que seu espaço é repleto de sujeitos em formação. Neste sentido, faz-se necessário elaborar estudos que estejam voltados para a discussão sobre a sexualidade, pensando em uma educação mais inclusiva, que pautado no reconhecimento plural das identidades, buscando a perspectiva de garantia de direitos para a construção de uma sociedade mais igualitária que reconheça e respeite a diversidade sexual e de gênero. A escola tem marcas de um ambiente de promoção e de construção do conhecimento, no qual se consolidam aprendizados em que se formam sujeitos em suas subjetividades em contextos culturais sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Deste modo a escola pode ocupar um papel central no desenvolvimento de seus alunos, e que em razão disto pode estimula-los a pensar criticamente sobre os discursos socialmente construídos e determinantes no sentido de , romper com a reprodução dos aspectos de uma moralidade que estimula a produção de desigualdade, preconceito e violência em nossa sociedade para a construção dos vínculos afetivos, as identificações sociais e principalmente a produção de subjetividades, contribuindo no desenvolvimento de uma cultura plural e de respeito a diversidade dentro de seu sistema de ensino. E assim, pensando nas possíveis manifestações da sexualidade presentes no cotidiano de crianças e adolescentes em contexto escolar, que surgem demandas de realizar uma reflexão acerca dos métodos e condutas adotados pela escola em lidar com esta temática.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões para temas de **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS**.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CULTURA UNIVERSITÁRIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos Fabio Rodrigues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5822022051	
CAPÍTULO 2	17
A METODOLOGIA NO TRUQUE: DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS EM UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA SOBRE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA ESPANHA.	
Maria Cecília Patrício DOI 10.22533/at.ed.5822022052	
CAPÍTULO 3	27
COLONIALIDADE DE GÊNERO: (UM)A CONSOLIDAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL	
Sarah Francine Schreiner Geanne Gschwendtner DOI 10.22533/at.ed.5822022053	
CAPÍTULO 4	39
EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: DESCONSTRUINDO “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “MARXISMO CULTURAL”	
Rosiléa Agostinha de Araújo Lorena Kelly Alves Pereira Geovane Gomes de Araújo Glauberto da Silva Quirino DOI 10.22533/at.ed.5822022054	
CAPÍTULO 5	50
COMO A GENTE SE DIVERTE: CORPOS MASCULINOS EM WEBSITES DE CRUZEIROS LGBT	
Diego Santos Vieira de Jesus DOI 10.22533/at.ed.5822022055	
CAPÍTULO 6	64
GÊNERO E GESTÃO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM CARGOS DE GESTÃO NA INDÚSTRIA CATARINENSE	
Leonard Almeida de Moraes Juliano Keller Alvez Édis Mafra Lapolli DOI 10.22533/at.ed.5822022056	
CAPÍTULO 7	79
GÊNERO, RAÇA E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS EM ESCOLAS DE RIO BRANCO/ACRE	
Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cleyde Oliveira de Castro Murilena Pinheiro de Almeida DOI 10.22533/at.ed.5822022057	

CAPÍTULO 8	87
OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS	
Meiriane Christine dos Santos Aguiar Isis Vanessa Nazareth Yasmin Alves de Oliveira Lopes Rejane Corrêa Marques Fabrícia Costa Quintanilha Borges Thayssa Cristina da Silva Bello DOI 10.22533/at.ed.5822022058	
CAPÍTULO 9	98
GÊNERO, SEXUALIDADE E HOMOFOBIA NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE NARRATIVAS DE LIVROS DE OCORRÊNCIA ESCOLAR	
Keith Daiani da Silva Braga Arilda Ines Miranda Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.5822022059	
CAPÍTULO 10	110
OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE	
Kueyla de Andrade Bitencourt João Diógenes Ferreira dos Santos DOI 10.22533/at.ed.58220220510	
CAPÍTULO 11	121
UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR	
Iara Luzia Henriques Pessoa Glauce Michelle Araújo Penha Carlos Alberto Gomes de Brito DOI 10.22533/at.ed.58220220511	
CAPÍTULO 12	129
SILENCIAMENTOS: A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MENINAS E O CONTEXTO BRASILEIRO	
Joice da Silva Brum Nivia Valença Barros DOI 10.22533/at.ed.58220220512	
CAPÍTULO 13	141
GNOSIOLOGIA NAS INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE AGENDA DE PESQUISAS	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Claudionor Renato da Silva Débora Cristina Machado Cornélio Valquiria Nicola Bandeira Marilurdes Cruz Borges DOI 10.22533/at.ed.58220220513	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	151
ÍNDICE REMISSIVO	152

UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR

Data de aceite: 26/03/2020

Iara Luzia Henriques Pessoa

UNICAP (iaraluzia1996@gmail.com)

Glauce Michelle Araújo Penha

UNICAP (glauce.michellearaujopenha@gmail.com)

Carlos Alberto Gomes de Brito

UNICAP (c.brito@br.inter.net) (orientador)

RESUMO: O presente estudo surgiu a partir de uma leitura sobre as questões de gênero na escola, a qual afirmou-se insuficiente para responder inquietações sobre o tema. Marcadores sociais como gênero, sexualidade e raça são importantes para a construção da identidade do sujeito. Esses marcadores são atravessados constantemente por discursos normatizadores veiculados por instituições que detém o poder, como a escola, que pode transformar esses corpos. A escola como uma das primeiras instituições na vida de um sujeito, detém esses discursos que interferem na construção da identidade, sobretudo naquela não normativa. Foi elaborada a presente revisão bibliográfica não sistemática a partir do marcador gênero

na escola que trouxe questionamentos sobre como o tema está sendo desenvolvido em trabalhos acadêmicos, assim como algumas reflexões sobre a diferença de como meninos e meninas são tratados e apontados em sala de aula. O referencial teórico utilizado foi o pós-estruturalismo que demonstra essas relações como sendo indissociáveis da rede de poder de nossa sociedade, tanto quanto tratando a escola como um lugar de produção de um corpo escolarizado, e de relações de gênero rígidas, assim como explicitamente normativas. A partir dessa construção e inquietações percebemos que é necessário pensar em mudanças que reverberem na educação. Esta seria de qualidade, participativa tal como desgenerificada, culminando numa educação inclusiva não só socialmente, mas democraticamente, englobando todos os grupos e marcadores sociais tidos como não normativos em nossa sociedade. Transformando a educação em um instrumento de revolução social.

PALAVRAS-CHAVE: Questão de Gênero, Psicologia Escolar, Pós-Estruturalismo, Escola.

ABSTRACT: This present study occurred from a reading on gender issues at

school, which appeared to be insufficient to answer our concerns about the topic. Social markers such as gender, sexuality and race are important for the construction of the subject's identity. These markers are constantly crossed by normative discourses transmitted by institutions that hold power, such as the school, which can transform these bodies. The school, as one of the first institutions in a subject's life, holds these speeches that interfere in the construction of identity, especially in the non-normative one. This non-systematic bibliographic review was prepared based on the gender marker at school, which raised questions about how the topic is being developed in academic works, as well as some reflections on the difference in how boys and girls are treated and pointed out in the classroom. The theoretical framework used was post-structuralism, which demonstrates these relations as being inseparable from the power network of our society, as much as treating the school as a place of production for a schooled body, and of rigid gender relations, as well as explicitly normative. From this construction and concerns we realized that it is necessary to think about changes that reverberate in education. Whose would be of quality, participative as well as de-gendered spectrum, culminating in an inclusive education not only socially, but democratically, including all groups and social markers considered as non-normative in our society. Thus, transforming education into an instrument of social revolution.

KEYWORDS: gender issue, educational psychology, post-structuralism, school

1 | INTRODUÇÃO:

A partir do artigo de Modesto (2017), o qual tem como objetivo maior contribuir com os estudos sobre o fracasso escolar com aproximações entre a psicologia e os discursos sobre as questões escolares a partir da perspectiva de gênero. Sentiu-se, então, a necessidade da construção do presente texto, pois apesar da autora basear sua fundamentação teórica em Pearse e Connel (2015) que afirmam que o gênero pode ser compreendido como um tipo de estrutura social. Sob o lastro teórico de Pearse e Connel Modesto elenca o gênero como uma maneira pela qual a sociedade lida com os corpos e as consequências desse lidar na vida das pessoas e do coletivo, portanto construído socialmente. Abrindo assim as portas para um conceito multidimensional de gênero subtraindo da diferença entre macho e fêmea, isto é a divisão biológica culturalmente instituída como verdade absoluta. A essa visão instituída, socialmente majoritária, contrapõe-se as categorias que se ocultam no interior dessa classificação já normatizada chamadas de macho e fêmea.

Contudo, mesmo com o viés do seu embasamento teórico Modesto (2017) e trazendo em seu artigo uma dimensão material e estrutural do gênero em consonância com as autoras supracitadas, houve grande utilização de argumentos estatísticos, além de um grande entrelaçamento do marcador social de raça, ofuscando a questão do gênero. Por esse motivo, então, não fizemos uso de dados estatísticos, somente de pesquisa bibliográfica para a construção do presente artigo, além de separamos este

marcador social (raça) de nossa pesquisa simplesmente por motivos metodológicos. Mas, na realidade da instituição escolar, há uma correlação entre esses marcadores, e a promoção da diferenciação e desigualdade de gênero, além de como essas crianças agem após o período escolar (CONNEL, 1996). Segundo elas, um regime implícito institucionalmente que é retroalimentado por alunos, professores, educadores e todos que participes desse ambiente institucional. Entretanto o instituído nesse caso é passível de transformação, as relações de poder, divisão de trabalho, padrões emotivos e simbolizações precisam ser discutidas e postas em questionamento junto com os agentes da instituição escolar.

Quanto às expectativas generificadas alerta para seus impactos na vida escolar, a exemplo do encaminhamento de meninas com problemas comportamentais e de meninos com problemas disciplinares a atividades extras. Mas não é sabido se, na verdade, o que se encontra nessa situação seria uma menina assertiva e um menino que simplesmente não possui permissão ou até conhecimento de termos vocabulares para expor o porquê de sua indisciplina. Outro exemplo é de classificações descontextualizadas por profissionais não conhecedores da história de vida e de trajetória escolar dos alunos ali avaliados; e ainda fazendo uso de instrumentos frágeis inconsistentes ou inadequados, como classificatórios de limitações mentais. Sendo inclusive diagnósticos, que isentos de generificações ou sendo utilizados instrumentos mais adequados poderiam trazer outros contextos totalmente diferentes, falta de atenção, problemas adaptativos ou mesmo não aceitação do não saber. Demonstrando uma faceta da escolaridade que é a classificação e enquadramento de alunos que não se adaptam tão facilmente às tarefas escolas como fracassados.

A autora deixa reflexões quanto ao desafio de pensar o fracasso escolar nesse contexto. Questiona se a psicologia tem feito articulações com a vasta produção da educação sobre gênero e se essa ciência estaria aberta a usar padrões diferentes dos seus para explicar problemas de pesquisa. Reflete ainda a posição dos professores quanto aos questionamentos de diagnósticos instituídos aos quais discordem, pois os docentes se sentem “desconhecedores” das técnicas e não aptos para palpitar quanto ao diagnóstico feito por um outro profissional com o uso de um instrumento normatizado. Enfim discutir relações de gênero na escola implica problematizar relações de poder, salários, formações, visões ideologizadas, padrões esperados, noção de fracasso escolar etc.

Assim diante dos desafios citados pela autora e a educação como prioridade dentro do contexto escolar, bem como a escola como lugar de aprendizado e por nos colocarmos no lugar de busca por elementos teóricos que venham colaborar com questões generificadas no contexto escolar e suas implicações para esses agentes. Pois, todo conhecimento provoca inquietações, modificações e busca por novos saberes que possam contribuir com o entendimento sobre o tema central contextualizado no ambiente escolar. Então, traremos algumas reflexões utilizando a perspectiva pós-estruturalista com o objetivo de concluir nossas elucubrações acerca do tema.

2 | DISCUSSÃO DO TEMA EM QUESTÃO:

Trazendo dados estatísticos que colaboram com o proposto pelo seu referencial teórico Modesto (2017) reflete e contextualiza-os. O processo de redemocratização do ensino como fator que influenciou a redução das taxas de analfabetismo feminino e que não reverberou em avanços masculinos, incita questionamentos. A progressão continuada com sua ineficácia quanto à inserção escolar, causando alunos a estarem no último ano do fundamental 2 e ainda não estarem hábeis a entender textos simples. Assim como entrada precoce masculina no mercado de trabalho, o que dificulta ainda mais a atenção desses alunos com as questões escolares, sendo a maioria deles que abandonam a escola para somente trabalhar. Assim como a gravidez precoce como um possível motivo para a evasão escolar de meninas em idade escolar, além de possivelmente explicar os números tão altos de meninas que somente estudam e não trabalham no artigo supracitado.

A taxa potencializada de analfabetismo entre nordestinos, residentes de zonas rurais e negros em detrimento a outras regiões e raças denunciando uma superposição de grupos vulneráveis. Marcadores sociais como raça e gênero são de vital importância para a construção da identidade de um sujeito, que são construídas a partir de discursos a cerca de ambos. E é por esse motivo que a escola como uma das primeiras instituições educativas da vida de um sujeito que os discursos nela existentes interferem tanto nessa construção de gênero como na construção negra, porém no caso da identidade negra já se encontra como não normativa, mas na de gênero até a identidade masculina (GOMES, 2002), que é normativa, é influenciada por esses discursos que permeiam na escola. E assim como a identidade feminina é tida sempre em oposição à masculina, e sendo tida em oposição a esta (LOURO, 2017), isto é como secundária; a identidade da pessoa negra é vista em oposição com a da pessoa branca, secundarizada e excluída.

Então como dito por Gomes (2002) e por Louro (2017) é necessário que essas identidades sejam tratadas não como em oposição a uma primeira normativa, mas como mais um tipo de vivência. Assim como é mais superficial e simples tratar as dificuldades de meninas com matemática como algo intrínseco, é também mais “natural” diminuir as questões históricas, culturais, sociais e econômicas a comportamentos individuais (GOMES, 2002). Igualmente como é um reducionismo pensar mostrado em livros didáticos escolares de quem “deve ser” a pessoa negra reforça o estereótipo e impede de que nós conseguimos vê-lo como sujeito histórico e social, assim como esse não-lugar para as mulheres em livros didáticos reforça a normatização também daqueles que se encontram dentro da normatividade.

Então, de acordo com Souza (2010) e as principais pesquisas relatadas em seu artigo, o discurso percebido, em geral, é o discurso da justiça social, da escola para todos, inclusive para pessoas com necessidades educativas especiais. Mas, a partir de tudo que foi dito anteriormente e que será dito posteriormente, é perceptível que o que

é dito nas políticas públicas não é o que acontece na realidade das escolas. Porque a escola é para todos aqueles que se comportam, tiram notas boas, não questionam, obedecem, estão dentro das características normativas e não tem nenhum tipo de necessidade educativa especial (ARROYO, 1992). Da mesma maneira de que o que acontece na realidade é uma necessidade da instituição escolar de socializar conteúdos para um possível ingresso numa universidade e não na educação de um indivíduo que será um adulto na sociedade. Isto é, a escola abre mão de socializar e manutenção do *status quo*, garantindo então, o “acesso” ao conhecimento e a permanência, mas exclui uma formação integral (SOUZA, 2010). Ou seja, o objetivo seria de que homossexuais continuem em um lugar de desconhecimento, ou melhor, que nossas crianças permaneçam na “inocência”, perante a existência deles. No caso das mulheres seria que elas continuassem obedientes, não questionadoras e tolhidas (LOURO 2017). E para os negros continuarem no papel de coadjuvantes sendo somente existentes como classe trabalhadora (GOMES, 2002). E nesse contexto de acordo com Souza (2010) o psicólogo deveria construir o conhecimento a partir de um contexto não normativo, dando voz a essas pessoas que na maioria dos espaços sociais não tem.

E é por isso que a diversidade sexual e de gênero deveria ser trabalhada em escolas, principalmente a existência transexual, a qual vai de encontro com as normas com relação a gênero. Além de que os números de evasão escolar dentro dessas pessoas têm aumentado significativamente, devido a preconceito de educadores e alunos (MONTEIRO *et al*, 2017). Se desde os primeiros anos escolares as crianças não fossem ensinadas que existe brinquedos de meninos e meninas, e, além disso, fossem tratados com igualdade, talvez essas identidades que vão de encontro a norma fossem tratadas com menos choque e preconceito. De acordo com Louro (2017) o discurso pode instaurar diferenças de gênero, e, como a arquitetura também é um discurso, para pessoas transexuais o banheiro se tornou um marcador de identidade, além de um problema (MONTEIRO *et al*, 2017). Pois o entendimento do biológico, isto é, órgão sexual como marcador do ser homem ou mulher, quer dizer poder usar o banheiro feminino/masculino ou nenhum destaca um preconceito dentro das escolas (MONTEIRO *et al*, 2017).

Assim como a pessoa negra, a pessoa pertencente a um gênero ou sexualidade não normativa, a pessoa com altas habilidades e superdotação faz parte desse grupo classificado como diferente do padrão estabelecido (BAHIENSE; ROSSETTI, 2014, p. 200). No entanto essas são tratadas, como problema e não como possibilidade. E, assim como deveriam ser trabalhadas pelo psicólogo escolar e pelos próprios docentes, a questão das AH/SD precisa de um conhecimento específico e um trabalho por parte dos educadores, principalmente com aqueles que se enquadram como AH/SD como com aqueles alunos que estão convivendo com esses “diferentes”. Numa cultura neoliberal de enquadramento, há uma veemente necessidade de dizer o que é e assim dizendo estará dizendo o que não é. Isso é muito perceptível na dificuldade de lidar

com o diferente. Na contemporaneidade ainda existe uma necessidade de colocar em movimento, fazer circular essa criança estigmatizando-a, cristalizando-o, o que mostra um olhar reducionista para essa questão. Pode-se citar a aprendizagem direcionada a um grupo de alunos enquanto os que não se enquadram nesses contextos, qualquer que seja o motivo, são fluidos e problematizados.

Bem como essas pessoas tidas como “diferentes” ou fora da normal são alvos de “atitudes agressivas, intencionais, deliberadas e conscientes que visam causar dor, sofrimento, perseguição e exclusão” (CAMPOS; JORGE, 2010, p. 110), um tipo de violência escolar mais conhecida como bullying. É um erro culpabilizar a vítima do bullying por sua diferença, porém a sociedade elege critérios de classificação do que é considerado normal, então, aquele que não possui essas características tidas como normal, sofre preconceito e discriminação (GOFFMAN, 1992 *apud* CAMPOS; JORGE, 2010). O conflito no ambiente escolar é pontual, nele e com ele se descobre o limite do outro e o seu próprio limite, entretanto o bullying se caracteriza pela humilhação o desrespeito constante, contínuo, premeditação. Vitimando sujeitos frágeis física e emocionalmente.

De acordo com Campos e Jorge (2010) todas as meninas que não se encaixarem no “ideal” para seu gênero e sexualidade, ou seja, não se encaixarem como heterossexuais, delicadas, atraentes, doces e meigas, poderá sofrer bullying tanto de outras meninas como de meninos. Meninos tenderiam a praticar um bullying com meninas voltados para a sexualização, palavras ofensivas e humilhação, e com meninos tenderiam mais a praticar bullying físico ligado à agressividade que é tanto incitada desde sua primeira infância (CAMPOS; JORGE, 2010; LOURO, 2017). Entre as meninas os efeitos são mais velados, o deixar de lado, isolamento social, fofocas e o olhar de deboche são alguns exemplos. No caso dos meninos a pressão que eles sofreriam seria para que se encontrassem num padrão de masculinidade, força, não demonstrar sentimentos, o que serviria para que esses meninos não sofressem bullying de seus colegas. Um fator que merece ênfase é a cristalização do agressor e do agredido quando nos referimos ao bullying, e essa fragiliza sujeitos em vias de formação. Entretanto a posição do agressor geralmente é subestimada, pois ele também sofre, provavelmente reproduzindo uma vivência do lar, portanto o psicólogo escolar precisa ter um olhar cuidadosos para as duas posições nesse contexto, seja o agressor ou o agredido.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Desde criança somos bombardeados com a ideia de que meninos podem fazer determinadas coisas e meninas não. Que meninos são mais agressivos e corajosos, e meninas mais recatadas e delicadas. Se fizermos uma enquete entre varias gerações identificaremos muitas questões como fila dividida entre meninos e meninas, menino ser proibido de chorar na frente dos colegas, uma menina ser reprimida ou assediada

por usar um short, isso é coisa de menino ou aquilo é coisa de menina sendo esses discursos muitas vezes produtos de estereótipos e hierarquias sociais. Entretanto não basta só o desejo da escola ser um espaço socialmente privilegiado para a reflexão e os novos aprendizados é preciso um esforço bem maior multidisciplinar com lócus diferenciados (escola, família, sociedade). No entanto cabe-nos focalizar na instituição escolar. Nesse sentido seria importante um esforço para somar à formação do corpo docente bem como da equipe técnica da escola as questões de gênero, pois as relações de gênero e sexualidade são fundamentais para educação de meninos e meninas em relação de reconhecimento e respeito à diferença.

Portanto vê-se a importância dessas discussões conscientizadoras, democráticas e com a participação ativa da família, no âmbito escolar, sobretudo em seu currículo, pois as consequências da educação escolar vão além da caderneta de notas. Na família, a questão de gênero veste-se de uma complexidade abrangente, pois pode ser essa, a primeira responsável pela inculcação dessas características, bem como pela bipolarização dos sexos. Aos meninos e meninas são atribuídas (os) brincadeiras, atitudes, roupas, carinhos, normas, cuidados, possibilidades e realidades diferentes. Diante dos estudantes, por conseguinte, o estímulo a debates, pesquisas, bem como o uso de não só punições para qualquer caso de discriminação que ocorra dentro ou fora da sala, dentro ou fora dos muros da escola, sendo utilizado como oportunidade para retomar o assunto articulados com técnicas e formas de mediar essa reflexão e estimular nesses o desejo de se posicionar sobre essa realidade, buscando o questionamento dessa normatividade e não somente a punição daquele que agiu seja com violência, seja com preconceito.

Precisamos de uma revolução de ideias e articulação entre saberes, sobretudo sobre as ideias e métodos hegemônicos de ensinar e aprender. A psicologia escolar tem um papel primordial nesse processo e certamente o desejo maior não é o de aumentar notas em exames, mas sobretudo a inclusão. Entretanto não se trata de incluir em salas mais avançadas simplesmente para drenar salas superlotadas ou para maquiar índices, mas sobretudo para preparar sujeito mais capazes e habilitados, potencializados em suas competências e habilidades, conseqüentemente mais exitosos em sua cidadania. Entretanto é urgente pensar em mudanças que reverberem em educação de qualidade inclusiva e relevante para todos. Partindo da consideração de que quando a educação é prioridade inovar é uma necessidade. Inovar que tem como um dos sinônimos atualizar, o sistema educacional no sentido de levá-lo a ser mais democrático, participativo, desgenerificado, portanto, e com avaliação sistemática, interna e externa com intuito de tornar a educação um instrumento de revolução social. Colaborando, portanto, com as mudanças supracitadas.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel. **Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica**. Em Aberto, Brasília, v. 11 n. 53, p. 46-53. 1992.

BAHIENSE, Taisa; ROSSETTI, Claudia. **Altas habilidades/superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente.** Rev. bras. educ. espec., Marília, v. 20, n. 2, p. 195-208, 2014.

CAMPOS, Herculano; JORGE, Samia. **Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa.** Em Aberto, v. 23, n. 83, p. 107-128. 2010.

GOMES, Nilma. **Educação e Identidade Negra.** Aletria: Revista de Estudos de Literatura, s/n, v. 9, p. 38-47. 2002.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 16ª ed. 5ª reimpressão. 2017.

MODESTO, Ângela. **Um olhar de gênero sobre a psicologia escolar.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, 2017.

MONTEIRO, Felipe et al. **Transexualidade infantil na psicologia: uma revisão bibliográfica.** Revista Mangaio Acadêmico. v. 2, n. 3, 2017.

SOUZA, Marilene. **Psicologia escolar e políticas públicas em educação: desafios contemporâneos.** Em aberto, v. 23, n. 83, p. 129-149. 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 5, 104, 115, 117, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 148

Agenda 15, 40, 41, 45, 48, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

B

Brasileiro 18, 22, 32, 34, 48, 104, 130, 136, 140

C

Catarinense 64, 65

Colonialidade de gênero 27, 29, 32, 34, 36

Corpo 3, 11, 13, 17, 23, 24, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 74, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 106, 115, 109, 120, 121, 127, 135

Corpos masculinos 6, 50, 51, 57, 58, 60

Cultura universitária 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

E

Educação Sexual 15, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

escolar 5, 2, 8, 46, 79, 80, 84, 85, 86, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 141, 142, 144, 146, 147, 148

Escolar 98, 99, 103, 109, 121, 151

Etnografia multisituada 17, 18

F

Feminino 3, 4, 26, 32, 33, 36, 37, 47, 55, 57, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 89, 90, 91, 93, 97, 101, 102, 107, 124, 125, 130, 131, 135, 136, 137, 138

Formação docente 1, 4, 5, 10, 11

G

Gênero 3, 1, 15, 16, 25, 28, 37, 38, 44, 48, 49, 79, 86, 98, 108, 121, 128, 129, 134

Gnosiologia 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150

H

Homofobia 43, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109

I

Ideologia 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49

Inclusão 53, 65, 75, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 90, 114, 127

Indústria 64, 65, 69, 71, 74, 77

Integrativa 87, 90, 97

Investigações 144, 145, 147, 148

M

Marcos sociais 110, 111, 112, 113, 115, 116

Marxismo cultural 39,40, 41, 43, 44, 45, 46, 48

Memória 25, 31, 42, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

Metodologia 1, 4, 17, 20, 26, 78, 80, 141, 144, 151

Mulheres 2, 3, 4, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 101, 109, 117, 124, 125, 129, 133, 135, 137, 138, 148

P

Pesquisa 1, 4, 8, 9, 11, 14, 18, 19, 20, 21, 23, 28, 35, 39, 42, 48, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 75, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 98, 99, 104, 105, 108, 118, 120, 122, 123, 130, 131, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

Pessoas com deficiências 81, 82

Pós-verdade 39, 40, 42, 43, 48

Proposta 16, 18, 30, 61, 70, 81, 84, 105, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Psicologia escolar 121, 127, 128

Publicações científicas 89

R

Raça 6, 30, 37, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 94, 121, 122, 123, 124, 131, 135

S

Sexualidade 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 34, 39, 41, 45, 47, 48, 52, 53, 60, 62, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 116, 118, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

T

Transexualidade 110, 112, 113, 114, 115, 120, 128

Travestis brasileiras 17, 18, 19, 21, 22, 25

Truque 22, 25

V

Violência 5, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 53, 57, 60, 91, 92, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 116, 117, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Violência de gênero 33, 34, 91, 130, 134, 135, 137

 **Atena**
Editora

2 0 2 0